



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

INVESTIGAÇÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE DROGAS

Área temática: Saúde

Cíntia Queiroz de Oliveira¹; Fernanda Pereira Tonhá²; Márcia Maria de Souza³; Marcos André de Matos⁴.

1- Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Enfermagem (FEn), Programa de Graduação em Enfermagem. Goiânia-GO, Brasil; 2- Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Enfermagem (FEn), Programa de Graduação em Enfermagem. Goiânia-GO, Brasil; 3- Professora Associado I na Faculdade de Enfermagem (FEn), Universidade Federal de Goiás (UFG); 4- Professor da Faculdade de Enfermagem (FEn) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Universidade Federal de Goiás (UFG); Faculdade de Enfermagem (FEn); Programa de Bolsa PROLICEN

Resumo: Introdução: O fenômeno das drogas atingiu extrema importância pela sua magnitude social e geográfica trazendo consequências sociais e econômicas além de prejuízos associados ao seu uso na população geral, sobretudo na população jovem. Objetivos: Investigar os conhecimentos e práticas dos professores da educação básica sobre a temática das drogas e capacitar professores da educação básica na temática das drogas utilizando como metodologia a pesquisa ação. Metodologia: Pesquisa de abordagem qualitativa, realizada entre agosto de 2013 ao início de agosto de 2014 com educadores de um colégio público de Goiânia/Goiás, utilizando a pesquisa ação como método para capacitação e ferramenta no desenvolvimento das competências dos professores. Resultados: Participaram 19 educadores, em 5 encontros grupais focados no desenvolvimento de competências técnicas e interacionais de ações educativas focadas na prevenção, conceituação e tipos de drogas, redução de danos, e subsídios de encaminhamento para rede de apoio. Sobre a dificuldade dos professores em abordar essa prevenção do uso de drogas em sala de aula: três disseram ter dificuldades,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

dezesseis afirmaram não terem dificuldades de abordar o tema, mas outra realidade foi revelada, pois a maioria disse não ter dificuldades, porém quando feita a pergunta se eles se sentiam preparados tecnicamente para trabalhar esta temática dezesseis disseram não estarem preparados, e somente três disseram estar seguros tecnicamente quanto se diz respeito ao contexto: drogas. O resultado mostrou que o movimento do grupo, em

função do modelo interativo e dinâmico do método da pesquisa ação que foca o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e atitudinais favoreceram novos conhecimentos dos participantes acerca da complexidade do trabalho quanto à problemática das drogas no ambiente escolar, bem como aquisição de novos conhecimentos. A vivência do método permitiu a renovação de conceitos e práticas educativas, a partir do ciclo vivencial de aprendizado que integra experimentação de vivências concreta, análise, conceituação e conexão com o mundo real, desenvolvendo potencial, habilidade e competências para abordagem com os jovens numa postura transformadora no contexto escolar. Conclusão: O método revelou-se uma ferramenta eficaz no manejo de problemas comuns presentes na realidade vivida na escola, como discussões sobre as drogas, além de favorecer um modelo para capacitação de profissionais de educação, ação prevista no componente do Programa Saúde na Escola.

1. Apresentação

O papel do professor é trabalhar na construção de uma sociedade mais equilibrada, na qual os alunos possam desenvolver a sua criticidade e possam lutar pelos seus interesses em meio à sociedade. Com isso o professor deve ser educador e transmissor de conhecimentos, ele se coloca como uma ponte entre os alunos e o conhecimento para que o aluno aprenda a raciocinar e a questionar por si próprio e não receba passivamente as informações como se fosse um depósito do professor (BULGRAEN, 2010).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

O professor é à base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Mas para que isso seja feito, o professor precisa assumir um verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar.

Ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Para ser professor é necessário renovar sua forma pedagógica da melhor maneira, para que possa atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e do “amor” pela profissão que é possível exercer seu papel com excelência (FREIRE, 1996).

O educador quando bem informado e atualizado é capaz de promover reflexões e mudanças no ambiente escolar. A intervenção pedagógica deve estar voltada a atender as necessidades dos alunos, pautada na problematização e reflexões gerais da temática abordada, desvinculando-se de crenças, tabus e valores pessoais a ela associado, isso certamente ajudará o educador a ampliar seus conhecimentos e visão de mundo além de assumirem uma postura ética em sua atuação (BARRIOS;MARINHO-ARAÚJO;BRANCO, 2011).

Sabe-se que os professores dos Ensinos Fundamental e Médio são considerados agentes da prevenção a agravos a saúde por serem potencialmente importantes veículos de formação e de informação sobre vários temas incluindo: drogas (FERREIRA et AL, 2010).

Verifica-se a importância das atividades dos professores: discurso, palestras, oficinas e os comportamentos deles frente aos alunos, visto que estes constituem uma população em situação vulnerável (SODELLI, 2010).

A adolescência faz parte de um período de transição entre a infância e a fase adulta do desenvolvimento humano, caracterizado por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (EISENSTEIN, 2005). Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, define-se a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Este é um período da vida em que o adolescente passa por transformações biopsicossociais, processo entendido como fisiológico no desenvolvimento humano. Além das mudanças nos aspectos orgânicos,



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

os adolescentes compõem um grupo sociocultural específico, com um modo único de se inteirar com seus pares e também com o mundo, e está em constante identificação consigo mesmo e em busca de sua autonomia (ALVES; BRANDÃO, 2009; HOFFMAN; ZAMPIERI, 2009).

É um período com muitas inquietudes e conflitos psicossociais, com necessidades de integração social, busca pela autoestima e autoafirmação e de independência familiar e isso os coloca em situações de comportamentos variados e vulneráveis a processos de morbimortalidade (RESSEL; SEHNEM; JUNGE, 2009).

A vulnerabilidade na adolescência se dá através das mudanças, dúvidas, medos, descobertas e um aprendizado que por fim pode levá-los a curiosidade de conhecer outros comportamentos, como o início da vida sexual precoce, promiscuidade juvenil, o uso de drogas lícitas, ilícitas, e conseqüentemente a prática de violência contra si, família e sociedade (BERTOLOZZI, 2009).

O uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na sociedade. Recentemente, o fenômeno do uso de drogas atingiu extrema importância pela sua difusão, trazendo conseqüências sociais e econômicas além de prejuízos associados ao seu uso na população geral, sobretudo em adolescentes.

A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE), realizada nas 26 capitais brasileiras mais o Distrito Federal, evidenciou que 71,4% dos escolares entrevistados já haviam usado álcool alguma vez na vida, e que 8,4% fizeram o uso de outras drogas ilícitas (MALTA; MASCARENHAS; PORTO, 2011).

Em se tratando dos prejuízos relacionados ao uso de drogas, ainda que em uso experimental e recreativo, estão os danos para o desenvolvimento cognitivo, fisiológico e psicológico, podendo comprometer o rendimento escolar do adolescente, principalmente se iniciado precocemente. O uso de drogas influencia ainda na aquisição de capacidades de autocontrole e autoestima, além de tornar o indivíduo mais susceptível às influências de seus pares para se envolverem em comportamentos de risco (CARVALHO; BARROS; LIMA, 2011).



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Estudos recentes têm mostrado que indivíduos consumidores de álcool e drogas como diversão e prazer para relaxar, se divertir, quebrar a timidez, se expressar melhor, como meio de “fuga da realidade”, podem de expor mais a riscos diversos, em especial em relações sexuais casuais e muitas vezes desprotegidas, evidenciando associação entre o padrão de comportamento de risco para a saúde sexual e reprodutiva e uso de drogas lícitas e ilícitas na população geral, especialmente na adolescência (DOKU, 2012; MACARTHUR; SMITH; MELOTTI, 2013).

Nosso pensamento norteador entende que os adolescentes são considerados um grupo de risco pelos fatores que constituem sua vulnerabilidade pela exposição aos agentes externos e os aspectos psíquicos do desenvolvimento próprio dessa fase.

Que a atenção à saúde dos adolescentes e jovens precisa ser diferente da assistência clínica individual, abordando os assuntos que eles possuem mais dúvidas e os problemas que mais acomete essa fase no caso, as drogas. E que existem vários organismos sociais que podem colaborar com trabalhos preventivos de modo a suscitar na população adolescente, discussões e torno da problemática do uso de drogas, dentre eles estão à família e a escola.

A escola deve ser privilegiada como cenário para discussões de aspectos gerais da formação do indivíduo como cidadão, visto que este é um espaço social com intuito de oferecer a transmissão de informações gerais e saberes organizados e de forma disciplinar, além de espaço para se disseminar ideais de boa saúde. Neste ambiente acontece a relação das trocas de informações e experiências e é também o local em que o grupo de alunos passa a maior parte de seu tempo, facilitando, portanto, a sociabilização.

Neste contexto é essencial que escolas e professores sejam facilitadores e façam parte ativamente do processo ensino-aprendizagem da população adolescente.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Considerando que a atenção à saúde dos adolescentes tem sido amplamente divulgada e reconhecida por órgãos nacionais como Ministérios da Saúde e Educação, projetos como o Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) e o Programa Saúde na Escola (PSE) surgiram para ampliar e subsidiar trabalhos com foco na prevenção de agravos que colocam em risco saúde do adolescente escolar, como aqueles relacionados à sexual e reprodutiva, prevenção de violência e do uso de drogas ilícitas e ilícitas. Mas para isso há necessidade de formação de uma rede de apoio com participação ativa de todos os envolvidos, ou seja, profissionais das áreas da saúde, da educação, especialmente professores, família, comunidade e instituição de ensino superior.

No ambiente escolar, o que cerne a prevenção do uso de drogas lícitas e ilícitas, o trabalho inicial é chamado prevenção universal, visa a aumentar as chances dos alunos que nunca usaram drogas continuem não usando ou adiem o início do uso e que, os que estão experimentando álcool e tabaco, parem por aí e não se arrisquem mais, diminuam o consumo ou aprendam a evitar os riscos associados ao uso (BRASIL, 2010).

Assim, o professor deve ser instrumentalizado para que desenvolva algumas habilidades que favoreça a interação e a confiança do educando, buscando estabelecer diálogo, e, contudo ser problematizador, a fim de desenvolver um sujeito com pensamento crítico- reflexivo para interpretar o mundo, nele intervir, transformá-lo, transformar-se e ser sujeito de sua própria ação (BULGRAEN, 2010).

Mediante a esta questão este trabalho se justifica pela necessidade de investigar sobre o conhecimento e as práticas dos professores de trabalhar conteúdos relacionados à drogas em suas aulas, especialmente sobre medidas preventivas e encaminhamentos à redes de apoio (assistência especializada).

Este inquérito é importante, pois a partir dos resultados encontrados será possível planejar ações conjuntas, com envolvimento da Universidade com as áreas da educação e da saúde (especialmente Estratégia Saúde da Família), quanto a lacuna do conhecimento no que diz respeito a temática complexa das drogas com consequências irreparáveis para a população jovem e a sociedade em geral.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Objetivos

Geral

Investigar os conhecimentos e práticas dos professores da educação básica sobre a temática drogas.

Específicos

1. Identificar o conhecimento dos professores da temática drogas;
2. Investigar sobre as práticas educativas dos professores no contexto escolar;
3. Verificar se conteúdos sobre drogas estão contemplados no Projeto Político e pedagógico (PPP) da instituição;
4. Identificar as dificuldades e necessidades dos professores em relação ao trabalho sobre drogas lícitas e ilícitas;
5. Oferecer capacitação aos professores com conteúdos envolvendo a temática droga, utilizando metodologias participativas.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e de intervenção que foi realizado no período de agosto de 2013 a agosto de 2014. Foram estabelecidas parcerias com a Secretaria Estadual de Educação de Goiás e posteriormente foi definida a instituição de ensino participante no estudo, selecionada de acordo com a área geográfica, adstrita e com cobertura das Unidades Básicas de Saúde (UBS) / Estratégia Saúde da Família (ESF), além de ser a maior instituição de ensino da região leste.

Local de estudo: Uma instituição pública da rede básica de ensino adstrita à região leste do município de Goiânia. Ressalta-se que há um convênio firmado entre Universidade Federal de Goiás (UFG) e Secretarias Municipal e estadual de Saúde e Educação.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



População estudada: Participarão do estudo professores, coordenadores e diretores da referida instituição, os quais serão orientados sobre a importância, objetivos, duração da pesquisa, riscos e benefícios da participação do mesmo.

Crítérios de inclusão: Professores no exercício da docência na ocasião da coleta dos dados e com contrato permanente de trabalho; aceitar participação na pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Critério de exclusão: Professores não terem contrato permanente de trabalho; e opor-se a participar da pesquisa.

Período do estudo: Agosto de 2013 a agosto de 2014.

Período de coleta de dados (entrevistas): Setembro a novembro de 2013.

Período de intervenção: Fevereiro a Agosto de 2014.

Instrumento para Coleta de dados: Inicialmente foi explicado sobre toda a dinâmica da pesquisa e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes (Apêndice I).

No primeiro momento da pesquisa, foi aplicado o instrumento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), adaptado aos objetivos propostos e validado por teste piloto. O instrumento será composto por cinco grupos de questões: 1) características sócio demográficas; 2) Comportamentos de uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas conhecidos entre os escolares; 3) Influência cultural no comportamento e orientação; 4) Práticas educativas, preventivas e assistenciais exercidas no âmbito escolar; 5) Dados institucionais de prevenção e assistência; 6) Formação e processos de capacitação (Apêndice II).



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Após a coleta dos dados as respostas serão analisadas, posteriormente será definido então sobre a condução do trabalho de capacitação dos professores que será na modalidade de pesquisa participativa na perspectiva da pesquisa-ação.

Aspectos éticos e legais:

Este projeto foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo Parecer nº 432.008 (Anexo I). Serão considerados os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as normas de pesquisas envolvendo seres humanos.

O presente estudo está inserido no Núcleo de Estudos em Epidemiologia e Cuidado em Agravos Infecciosos, com ênfase em hepatites virais (NECAIH), da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Este projeto integra um projeto maior intitulado “Diagnóstico situacional sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas entre adolescentes escolares da rede básica de ensino- um estudo de coorte prospectiva” coordenada pela professora Dr. Maria Márcia de Souza. Recebe apoio financeiro da FAPEG (Chamada pública nº 006/12 – Pesquisa científica para enfrentamento das drogas lícitas e ilícitas no Estado de Goiás) (Anexo II).

3. Análise de dados:

Os dados obtidos na entrevista foram processados e analisados no programa Excel, pela quantidade de questionários serem 19. Após a identificação das dificuldades encontradas foi proposto à instituição de ensino um curso de Capacitação na temática Drogas a ser realizado com professores, extensivo a coordenadores pedagógicos e diretora. O curso de capacitação foi proposto na modalidade de uma metodologia participativa, crítica e reflexiva denominada pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é caracterizada como um tipo de pesquisa social que prevê uma ampla interação entre pesquisador e participante, sendo utilizada para atender objetivos práticos de mudança em uma realidade. Esta estratégia acontece de forma recíproca e as questões coletivas são esclarecidas, a partir da busca de soluções para situação-

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

problema vivenciada. Nesta perspectiva, os membros do grupo têm oportunidade de pensar, falar e trocar experiências, as quais vivenciam e a discussão se torna imprescindível para a transformação da realidade, enquanto a investigação vai sendo realizada, esse tipo de pesquisa como “investigação-ação educacional”, essa metodologia permite também aos professores, uma visão crítica e emancipadora de suas práticas educativas (SOUZA, 2010)

A etapa do diagnóstico é considerada como o momento inicial da investigação. É nesta etapa que fazemos o levantamento das informações para, a seguir, planejar as etapas seguintes, em que, conjuntamente, pesquisadores e participantes discutem e definem os objetivos da pesquisa, assim como os possíveis obstáculos operacionais que possam surgir no decorrer da investigação.

Nessa etapa, também os principais problemas considerados como prioritários são apontados e a partir deste momento, fazemos o pacto do contrato de trabalho para o planejamento dos momentos seguintes como a definição de local, data, atores envolvidos e o tipo de ação que estarão focalizados no processo da investigação (SOUZA, 2010).

Análise de dados

Participaram do estudo 19 professores da instituição. Dados sociodemográficos: Quanto ao gênero, 13 (68%) eram do sexo feminino e 6(32%) do sexo masculino (Figura 1). A idade foi agrupada: de 20 a 30 anos foram encontrado 5 (28%) dos professores, de 31 a 40 anos 4(22 %), de 41 a 50 anos 8 (44%), e de 51 a 60 anos 1 (6%) (Figura 2). Em relação à habilitação acadêmica tivemos 1 (6%) que fez Bacharelado , 8(42%) que fizeram Licenciatura, 8(42%) fizeram Especialização, 1(5%) Bacharelado e licenciatura e 1 (5%) que cursou o ensino médio, nenhum professor que participou da pesquisa tinha cursado Mestrado ou Doutorado (Figura 3). Foi questionado também sobre o tempo de docência que cada professor tinha, agrupamos em duas categorias: de 1 a 14 anos e de 15 a 30 nos quais a primeira categoria o



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

resultado foi de 7(37%) e da segunda 10(53%) e 2(10%) não responderam esta questão do instrumento (Figura 4).

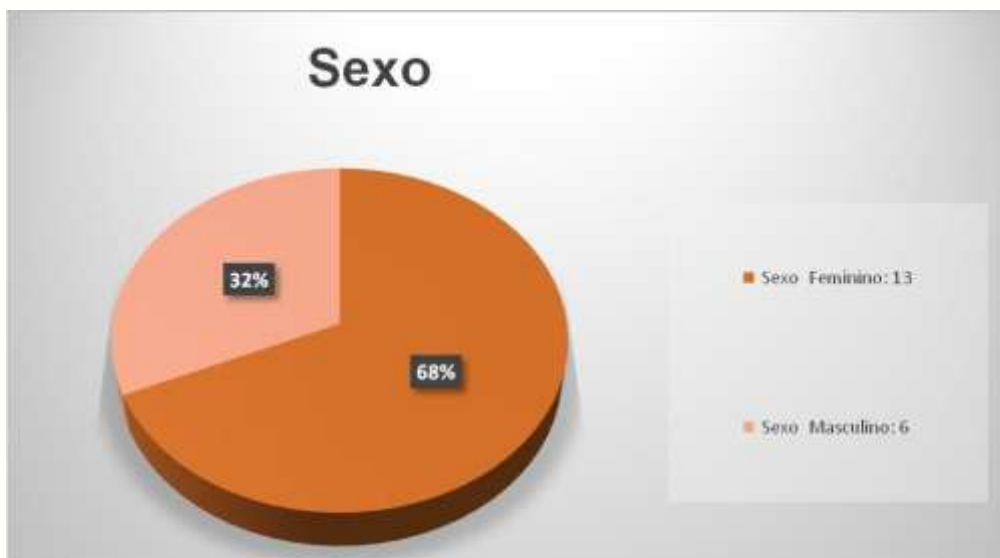


Figura 1: Dados sociodemográficos de acordo com o sexo. Goiânia, 2014

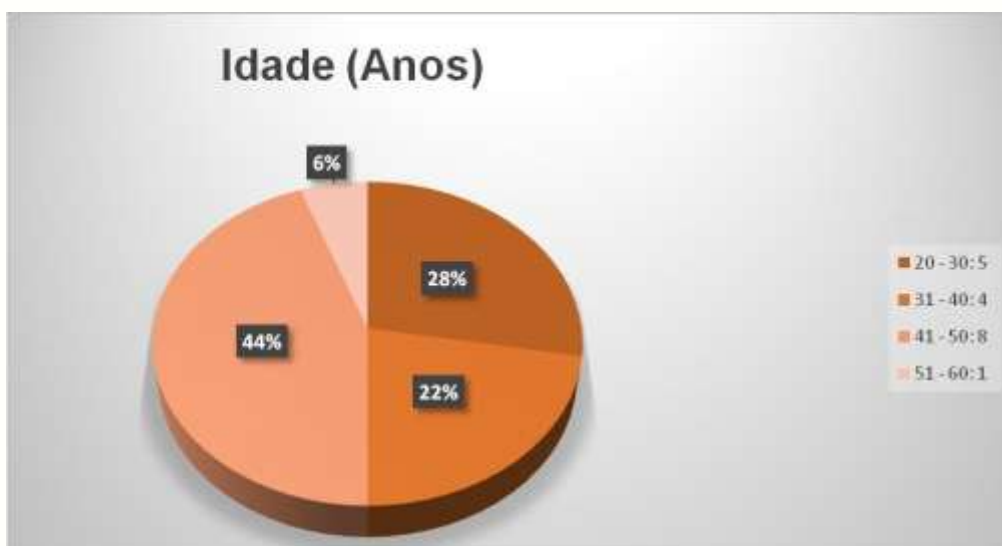


Figura 2: Dados sociodemográficos de acordo com a idade. Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 3: Dados sociodemográficos de acordo com a habilitação acadêmica. Goiânia, 2014



Figura 4: Dados sociodemográficos de acordo com o tempo de docência. Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Questões específicas: Foi questionada a idade adequada para iniciar a prevenção do uso indevido de drogas: Treze (69%) disseram que a idade adequada era de 07 a 10 anos, cinco (26%) acordaram na idade de 10 a 14 anos, um (5%) disse que a melhor idade é de 14 a 18 anos. (Figura 5)

Os responsáveis pela prevenção do uso de drogas ilícitas e lícitas para os professores: dezoito (95%) disseram que os principais responsáveis são os pais, e um (5%) que são as instituições religiosas (Figura 6). Sobre a dificuldade dos professores em abordar essa prevenção do uso de drogas em sala de aula: três (15%) disseram ter dificuldades, dezesseis (84%) afirmaram não terem dificuldades de abordar o tema (Figura 7), mas outra realidade foi revelada, pois a maioria disseram não ter dificuldades, porém quando feita a pergunta se eles se sentiam preparados tecnicamente para trabalhar esta temática dezesseis (84%) disseram não estarem preparados, e somente três (15%) disseram estar seguros tecnicamente quanto se diz respeito ao contexto: drogas (Figura 8). Isso nos mostra quão necessário é uma capacitação com os professores sobre o tema drogas, uma vez que esta é uma vulnerabilidade existente na instituição, pois a mesma atende a maioria adolescente. Segundo Bulgraen (2010), o educador precisa ser instrumentalizado tanto em relação a conteúdos quanto a métodos eficazes para o ensino aprendizagem.

Os professores foram questionados sobre a última vez que os profissionais da Unidade Básica de Saúde de sua região realizaram alguma ação de prevenção do uso e abuso de drogas em sua instituição, dois (10%) disseram que nenhuma equipe da UABSF compareceu na instituição, cinco (26%) relataram uma visita a 30 dias, três (16%) mais de um mês, sete (37%) disseram ter mais de um ano que nenhuma equipe visita a instituição e dois (11%) não responderam esta pergunta (Figura 9). Vemos aqui uma necessidade da instituição de ter um vínculo com a unidade básica de saúde, pois há possibilidade do Enfermeiro vir com sua equipe fazer algum trabalho com os professores ajudando- os a lidar com este tema. De acordo com Sodelli (2010), é importante os alunos terem um acompanhamento durante a adolescência uma vez que este período é baseado em muitas vulnerabilidades. Foi questionado se os professores já



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

fizeram algum trabalho de sensibilização sobre essa temática com os pais dos alunos três (16%) responderam que já fizeram algum tipo de sensibilização, quatorze (74%) disseram que nunca fizeram e dois (10%) não responderam esta pergunta (Figura 10). Foi feita uma pergunta sobre caso existisse uma capacitação quais os temas que eles queriam que fossem abordados: quatro (21%) tocaram no tema Prevenção, dois (11%) destacaram os tipos de drogas, cinco (26%) relataram como enfrentar a problemática no contexto escolar, um (5%) disse sobre a droga como fator de vulnerabilidade, dois (11%) relataram as redes de apoio e cinco (26%) diálogo com a família (Figura 11). Também foi abordada a pergunta se a instituição já recebeu algum tipo de capacitação com o tema Drogas? Nove (47%) responderam não lembrar, três (16%) disseram não, dois (11%) relataram ter recebido no ultimo mês, e cinco (26%) há mais de 1 ano (Figura 12). Neste contexto Souza (2010) propõe uma estratégia que é a metodologia participativa, que vai subsidiar a intervenção do estudo.

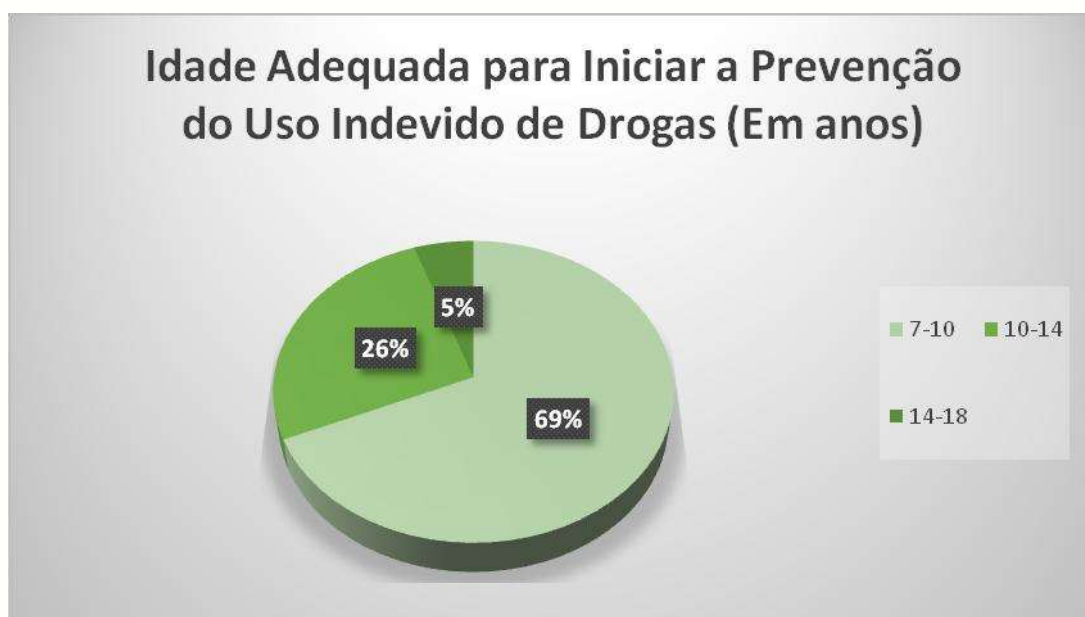


Figura 5: Questões específicas. Idade Adequada para Iniciar a Prevenção do Uso Indevido de Drogas (Em anos) de acordo com os professores. Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

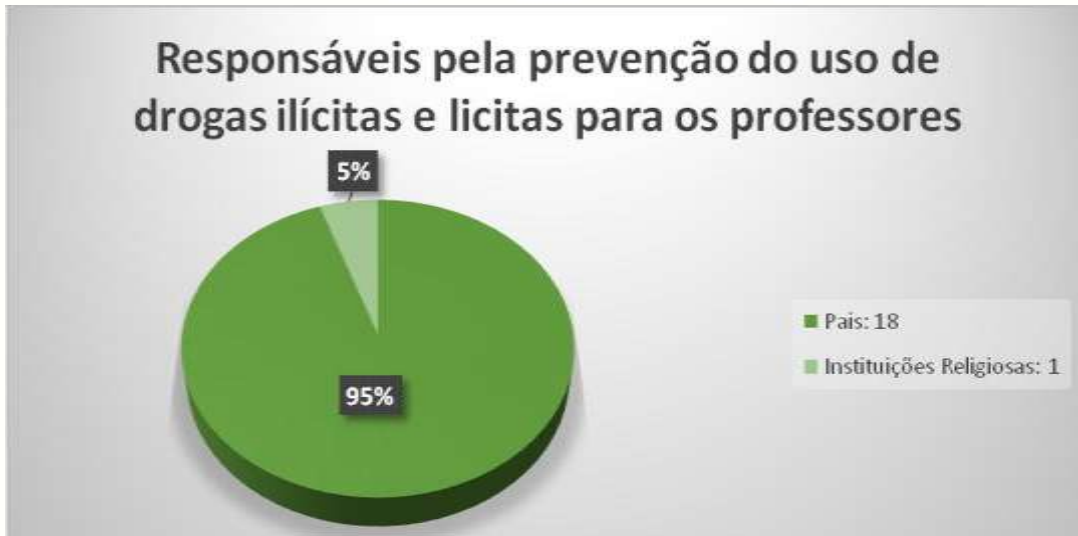


Figura 6: Questões específicas. Responsáveis pela prevenção do uso de drogas ilícitas e lícitas para os professores de acordo com os professores. Goiânia, 2014

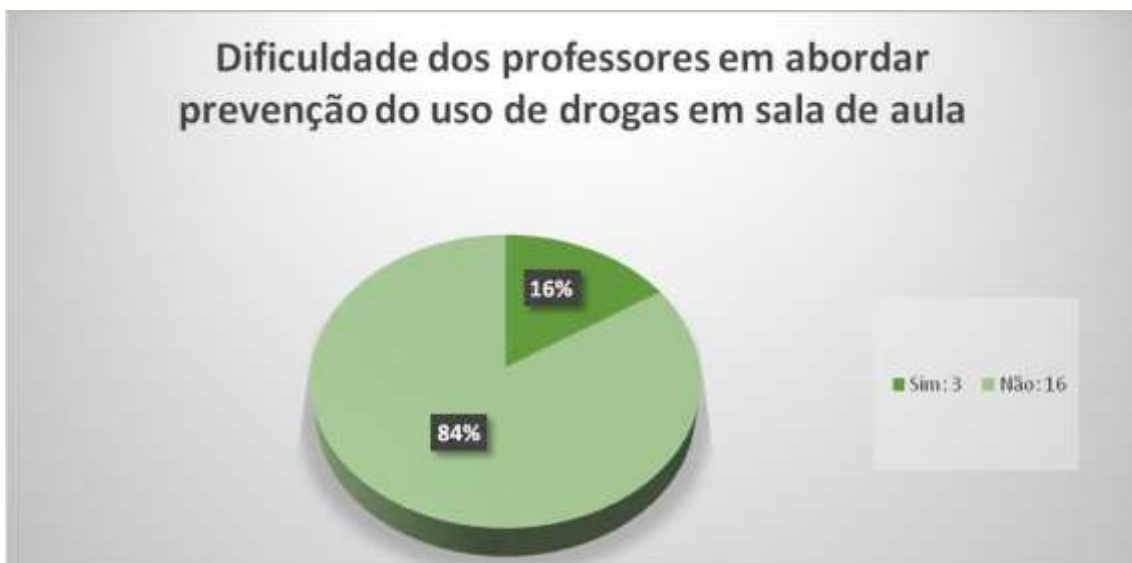


Figura 7: Questões Específicas. Dificuldade dos professores em abordar prevenção do uso de drogas em sala de aula. Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 8: Questões Específicas. Quantos professores se sentem preparados para tratar a temática em sala de aula. Goiânia, 2014



Figura 9: Questões Específicas. A Unidade Básica de Saúde realizou alguma ação de prevenção do uso e abuso de drogas em sua instituição? Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016

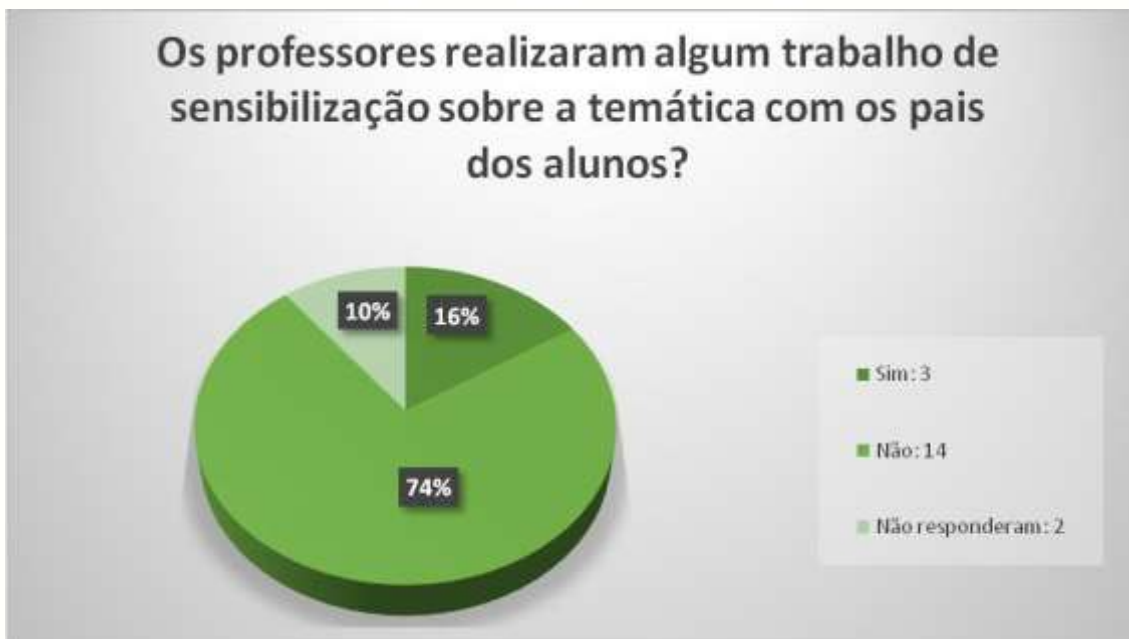


Figura 10: Questões Específicas. Os professores realizaram algum trabalho de sensibilização sobre a temática com os pais dos alunos? Goiânia, 2014



Figura 11: Questões Específicas. Temas a serem abordados em uma capacitação. Goiânia, 2014



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Figura 12: Questões Específicas. A instituição já recebeu algum tipo de capacitação com o tema Drogas? Goiânia, 2014

A partir desses dados foi verificada a necessidade de se iniciar uma parceria junto com a instituição e os responsáveis por ela para a elaboração e execução de um trabalho com os professores sobre essa temática, através de oficinas usando metodologia participativa.

A instituição concordou com a parceria, foi também oferecido aos participantes um certificado da Faculdade de Enfermagem-UFG ao final das oficinas para aqueles professores que tiveram mais de 75% de presença nas oficinas.

Intervenção

Capacitação com os professores da instituição:

A análise dos dados coletados foi processada tendo em vista a metodologia utilizada da pesquisa-ação que exigiu muita interação entre pesquisador e participantes, e conseqüentemente, se baseou no processo de análise ao longo dos encontros, quando exploramos questões sobre a temática droga a serem trabalhadas junto aos professores,



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

na tentativa de incorporá-la no Projeto Político Pedagógico da instituição. Todos os momentos das discussões foram muito ricos e levaram a uma mudança na realidade e conduta dos professores, de acordo com o estudo de Souza (2010). A nossa contribuição foi no sentido de subsidiar o grupo de professores para o desenvolvimento de um trabalho participativo em que pudessem tomar consciência da problemática que envolve o tema drogas a ser desenvolvido no ambiente escolar além de conhecer diferentes estratégias educativas para serem trabalhadas com seus alunos o que corrobora com o estudo de Bulgraen (2010) que diz que o educador é transmissor de conhecimentos.

Os encontros foram realizados em uma sequência pactuada com a coordenação pedagógica e professores tendo início em fevereiro de 2014 e término para início agosto de 2014. Estes aconteceram nas datas agendadas com o grupo de professores, que tiveram o cuidado de intercalar com suas atividades pedagógicas já previstas e programadas no início do ano letivo. A maioria dos encontros aconteceram com o intervalo médio de 30 dias e duração de 1 hora.

Na primeira oficina nos minutos iniciais, foram feitos o acolhimento com os professores e uma pactuação do contrato de trabalho que consistia em esclarecer e programar as datas, horários e o local específico para a realização dos encontros. Esclarecemos também sobre a importância da participação de todos e se possível sem interrupções para não perder a sequência das atividades e uma dinâmica grupal de apresentação pessoal. Iniciamos o conteúdo teórico conceituando “droga” discutindo o papel da mesma na história da humanidade, utilizado a música “Fora de si de Arnaldo Antunes” para a representação do que a droga faz com o ser humano o deixando fora de si, dividiu-se os professores em grupos, onde eles tiveram que criar uma droga imaginária que não existisse no mercado. Essa droga deveria possuir: nome fácil de guardar, cor, cheiro, sabor, preço acessível, facilidade de aquisição, vantagens, seus efeitos. Todos os grupos fizeram a atividade proposta, e após fizemos uma discussão sobre como foi criar essa droga e quais conclusões poderíamos retirar daquela atividade proposta. O retorno foi satisfatório uma vez que ao final da oficina eles

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

falaram uma palavra que resumia o sentimento após a aula foram: Alegria, descontração, sair da rotina e aprender de forma diferente.

A segunda oficina intitulada: O que me dá prazer. Foram discutidas as diferentes motivações que levam o adolescente para o uso de drogas, formas de proteção, qual é a influência do contexto. Abordado também a relação entre a droga, prazer, sexualidade e AIDS, fatores que são de risco ou proteção dos adolescentes em relação ao uso de drogas e quando que a família e a escola são fatores de risco ou de proteção.

A terceira oficina tema: Tipos de drogas e seus efeitos no sistema nervoso central. Levamos informações sobre os tipos de drogas mais conhecidos: Bebida alcoólica, bolinha ou rebite, café, calmante, chá de cogumelo, ansiolítico, cocaína, crack, êxtase, heroína, inalante, LSD, anorexígeno, maconha, morfina, cigarro de tabaco e xarope para a tosse (com codeína). E como são classificadas: depressoras, estimulante ou perturbadora do Sistema Nervoso Central. E feito uma atividade de classificação para a fixação do conhecimento.

Já a quarta oficina foi intitulada: Redução de danos. Foi apresentada ao grupo uma breve apresentação oral do que é a redução de danos segundo e que esta estratégia está amparada pelo artigo 196 da Constituição Federal como medida de intervenção preventiva, assistencial, de promoção de saúde e dos direitos humanos. E que as primeiras reduções de danos ocorreram em meados da década de 80, a disseminação e transmissão do vírus HIV entre os usuários (as) de drogas injetáveis passaram a ser uma ameaça, trazendo a necessidade de ações preventivas e efetivas que foi a distribuição de seringas e agulhas descartáveis para os usuários e com isso houve a diminuição de infecções pelo vírus HIV. Após a exposição do conteúdo teórico foi proposto uma discussão sobre que seria “reduzir danos” aos adolescentes usuários de drogas e um exercício de aplicação prática dessa estratégia no cotidiano. As questões abordadas foram até que ponto essa estratégia de redução de danos poderia ser vivida no cotidiano da comunidade escolar: alunos, professores, coordenadores e diretores. Foram elencadas algumas estratégias como aconselhamento para redução da quantidade de droga utilizada, ou a proposta do usuário fazer o consumo de uma droga menos



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

agressora, levar sempre uma camisinha onde estiver, para não correr o risco de contrair o vírus do HIV, não fazer o uso de drogas sozinho, porque o risco de ocorrer um evento traumático e o usuário não ter alguém para ajudá-lo, evitar o uso de várias drogas ao mesmo tempo, para a diminuição das interações das drogas simultaneamente, usar seringas e agulhas descartáveis e aconselhar o uso individual dos mesmos. Tivemos um grande retorno desses professores uma vez que o uso de drogas acontece dentro da instituição, e como eles relataram hoje eles tem um embasamento teórico e prático para lidar com a situação e saber o que fazer com este aluno adolescente.

Essas oficinas com metodologias participativas e motivadoras fazem com que haja uma participação direta dos professores nesse processo de construção coletiva de conhecimento através do diálogo, da socialização, da troca de experiências e saberes e a escola é um local privilegiado para a realização dessas atividades e as ações educativas, principalmente, na área da saúde. Se tornando interessantes e instigadoras, considerando que a promoção das ações educativas em saúde vem se renovando ao longo das décadas que, historicamente, tinham como foco o aspecto biomédico e hoje com um enfoque na prevenção do agravo e não a doença.

Na quinta e última oficina foi dado o tema: Escola na prevenção do uso de drogas Encaminhamento dos alunos usuários aos estabelecimentos de saúde. Foram propostas Estratégias para a abordagem dos alunos quanto ao tema drogas como: falar sempre do prazer no qual a droga oferece; salientá-los para os efeitos no organismo; responsabilizar os jovens sobre suas escolhas e consequências; tomar cuidado quanto a repressão e atitudes preconceituosas, pois muitas vezes os professores que são os primeiros a ajudar na abordagem desse aluno dentro dessa instituição. Foi proposta também aos professores uma explicação sobre o serviço CAPS - Centro de Atenção Psicossocial no qual faz parte da rede de atenção a usuários de drogas e como este funciona como é o encaminhamento dos alunos caso seja detectado algum aluno que queria o tratamento e os contatos destes CAPS.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



4. Conclusão / comentários finais

Tendo em vista este tema e a instituição estudada, o trabalho teve uma grande contribuição para os docentes uma vez que o método revelou-se uma ferramenta eficaz no manejo de problemas comuns presentes na realidade vivida na escola, como discussões sobre as drogas e suas vulnerabilidades, efeitos, além de favorecer um modelo de êxito para capacitação de profissionais de educação a metodologia participativa. Esta estratégia aconteceu de forma recíproca e as questões coletivas foram esclarecidas, a partir da busca de soluções para os problemas vivenciados pelos professores na instituição, pois a partir desta intervenção os membros do grupo tiveram oportunidade de pensar, falar e trocar experiências uns com os outros.

A contribuição como aluna foi impressionante, porque me fez ir atrás de referências, estudar sobre os temas, procurar ser dinâmica nas oficinas, prender a atenção de professor não é uma tarefa fácil, porém o trabalho atingiu o seu objetivo, os professores adotaram o método nas aulas que eles ministram e isso é muito gratificante, o trabalho contribuiu para o meu conhecimento como acadêmica de enfermagem e que faz licenciatura, no futuro irá subsidiar os meus trabalhos como docente e bacharel uma vez que o enfermeiro trabalha na assistência, mas também faz educação em saúde.

5. Referências bibliográficas

1. ALVES, C.A, BRANDÃO, E.R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. CienSaude Colet. 2009;14(2):661-70.
2. BARRIOS. A; MARINHO-ARAÚJO, C. M; BRANCO, A.U. Formação continuada do professor: desenvolvendo competências para a promoção do desenvolvimento moral. Psicol. Esc. 2011, vol.15, n.1, pp. 90-99.
3. BERTOLOZZI, Maria Rita et al. Os conceitos de vulnerabilidade e adesão na Saúde Coletiva RevEscEnferm USP 2009; 43(Esp 2):1326-30





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



4. BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Drogas: cartilha para educadores. 2 edição, Brasília 2010.
5. BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.
6. CARVALHO, P.D, ET AL. Condutas de risco à saúde e indicadores de estresse psicossocial em adolescentes estudantes do Ensino Médio. Cad Saúde Pública. 2011;27(11):2095-105.
7. DOKU, D. Substance use and risky sexual behaviours among sexually experienced Ghanaian youth. BMC Public Health. 2012;12:571-7.
8. EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. AdolescSaude. 2005;2(2):6-7.
9. FERREIRA, T.C.D. et al. Perceptions and attitudes among public school teachers towards the topic of drugs. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.14, n.34, p.551-62, jul./set. 2010
10. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
11. FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual. Educação em revista. 2007, n.46,269-285.
12. HOFFMANN, A.C.O.S, ZAMPIERE, M.F.M. A atuação do profissional da enfermagem na socialização de conhecimentos sobre sexualidade na adolescência. Rev Saúde Pública. 2009;2(1)., 2009:56-68.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

13. MACARTHUR, G.J et al. Patterns of alcohol use and multiple risk behaviour by gender during early and late adolescence: the ALSPAC cohort. *Journal of Public Health*. 2013;34(Supl.1):2-30.

14. MALTA, D.C, et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Rev Bras Epidemiol*. 2011;14(1)Supl.:136-46.

15. MARQUES, A.C.P.R; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2000, vol.22, suppl.2, pp. 32-36. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462000000600009>. Acesso em 3 de maio as 15:00.

16. OLIVEIRA, S.G, RESSEL, L.B. Grupos adolescentes na prática de enfermagem: um relato de experiência. *Ciênc Cuid Saúde*. 2010;9(1):144-48.

17. RESSEL, L.B et al . Representações culturais de saúde, doença e vulnerabilidade sob a ótica de mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery*. 2009;13(3).

18. SODELLI, M. A aborgadem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Cienc. Saude Colet.*, v.15, n.3, p.637-44, 2010.

19. SOUZA, M.M Construindo A Inclusão Da Temática Educação Sexual No Projeto Político Pedagógico De Um Colégio Público de Goiânia-Goiás Na Perspectiva Da Pesquisa-Ação. *Revista Ciencia Cuidado E Saúde*, 2010.